

O arquétipo fáustico em *A Queda dum Anjo*, de Camilo Castelo Branco

Mestre. Adriano Lima Drummond¹ (UFMG)

RESUMO: *Calisto Elói – protagonista de A Queda dum Anjo, de Camilo Castelo Branco – vem incitando leitores a identificá-lo com diversos personagens de outros autores. Nesta comunicação, focalizo a análise sobre o parentesco do personagem camiliano com Fausto – parentesco, a propósito, já observado brevemente por Fidelino de Figueiredo. Aqui proponho desenvolver essa leitura, destacando sua pertinência para a compreensão de Calisto Elói como símbolo de Portugal no século XIX.*

Palavras-chave: Calisto Elói, Fausto, Portugal, Literatura Portuguesa, Literatura Alemã

Introdução

A Queda dum Anjo, publicado em dezembro de 1865, situa-se entre os romances de Camilo Castelo Branco que mais despertaram e ainda despertam interesse em leitores comuns e especializados. A complexa malha irônica e satírica que envolve o enredo, a narração de um Portugal historicamente conturbado, e – saliente-se – contemporâneo do autor, constituem motivos para essa acolhida, com efeito, tão entusiasmada, ampla e duradoura da obra. Também se deve citar a riqueza intertextual que não apenas o protagonista Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda, mas outros importantes personagens permitem verificar.

Para deter-me apenas no caso de Calisto Elói, há numerosos trabalhos que analisam seu parentesco (a propósito, muito evidente) com a figura de Dom Quixote; Jacinto do Prado Coelho o aproximou ao personagem Alceste de Molière (Cf. COELHO, 1960, p. 652); segundo D. João de Castro, a figura de Calisto teria sido inspirada na de um fidalgo – Domingos de Barros Teixeira da Mota – bastante conhecido na época de Camilo. (Cf. FERRO, 1966, p. 114-115); e, em *História da Literatura Romântica*, Fidelino de Figueiredo verificou no personagem camiliano uma expressão portuguesa do arquétipo fáustico. São palavras do crítico:

Calisto Elói [...] é [...] o eterno intelectual que concebe da vida e do mundo só a pequena parte que o livro lhe denuncia, e que exercita do espírito apenas a pequena parcela que é a inteligência. O protagonista é um deslocado, [...] mas é também um pouco o Fausto. Vindo a Lisboa, o meio transforma-o; e esta transformação é um caso da influência do meio, precipitando um anjo, mas é também a revelação da verdadeira vida a quem nunca a exercitara, é também o gostar do sentimento do amor, da conformação com o seu tempo e com o seu meio, por quem não supunha na vida do coração tão amplos limites. De sorte que esse Calisto é uma forma satírica, romântica, camiliana acima de tudo, do eterno tema do conflito entre a vida ideal e a real, da tardia opção pela segunda. E à longa lista de expressões literárias do tema do *Fausto* [...] há a acrescentar a de Camilo, pelo romance satírico. (FIGUEIREDO, 1946. p.244-245).

Ao lado da aproximação com D. Quixote, sobre a qual muito já se escreveu, acredito que a aproximação com Fausto (tão pouco comentada) contribui enormemente para compreender o protagonista de *A Queda dum Anjo*. Aqui, discutirei com maior profundidade a presença do arquétipo fáustico em Calisto Elói, observando – a partir dessa presença – a imagem de Portugal que o personagem camiliano concentra em si.

1. A trajetória de Calisto Elói

Para os que ainda não leram *A Queda dum Anjo*, ou não se recordam do que se passa no romance, convém tecer uma síntese da trajetória diegética de Calisto Elói. Este é um fidalgo de ascendência remotíssima, muito rico, da aldeia de Caçarelhos, localizada na região nortenha portuguesa de Miranda. Exageradamente apegado ao passado de seu país, Calisto recusa vivenciar os hábitos e costumes contemporâneos – isto é, de meados do século XIX –, vestindo-se e falando de modo antiquado, dedicando-se a leitura contumaz de sua vasta biblioteca composta por “crônicas, histórias eclesiásticas, biografias de varões preclaros, corografias, legislação antiga, forais, memórias da Academia Real da História Portuguesa, catálogos de reis, numismática, genealogias, anais, poemas de cunho velho, etc”. (CASTELO BRANCO, 1986, p. 840) Profundo conhecedor da língua latina e grega, das literaturas clássicas escritas nestes idiomas e da literatura portuguesa de até o século XVII, monárquico-absolutista e fervoroso católico, o personagem, conforme ainda noticia o narrador, “queria que se venerasse o passado, a moral antiga como o monumento antigo”. (CASTELO BRANCO, 1986, p. 841) Esposa a prima D. Teodora Barbuda de Figueiroa, morgada de Travanca, pela mera conveniência de unir os morgadios. O casal torna-se assim a família mais rica e próspera da aldeia e arrabaldes. Incentivado por conterrâneos, Calisto Elói candidata-se para deputado. Eleito, vai sozinho residir em Lisboa, onde encontra uma sociedade e um meio político bastante corrupto e hipócrita. Sua luta contra os costumes corrompidos da capital malogra, a partir do momento em que sente – já quadragenário – as primeiras paixões de sua vida. Apaixonado, moderniza sua linguagem, seu vestuário, seus hábitos, suas idéias. Desse modo, concretiza-se o vaticínio do título do romance: o anjo – referência irônica ao protagonista – cai. Calisto abandona definitivamente o casamento e o torrão natal para viver em Lisboa com uma bela viúva brasileira, a Ifigénia de Teive Ponce de Leão. Adere ao liberalismo, recebe o título de barão, tem dois lindos filhos com a brasileira. Seu adultério condiciona o mesmo para Teodora, que se rende à sedução de um primo – Lopo da Gamboa –, unicamente interessado na riqueza da parente. Tanto Calisto quanto a esposa, embora com a moral manchada, encontram, no desfecho da narrativa, a felicidade, sob a ironia lamentosa do narrador.

2. O Portugal camiliano: uma nação entre o velho e o novo

A Queda dum Anjo, romance escrito e publicado no ano de 1865, não apenas surge num momento importante da história portuguesa, mas também procura refleti-lo e discuti-lo. Durante a década de 1860, com efeito, Portugal passa por mudanças em sua fisionomia infra-estrutural e jurídica que revelam a preocupação por parte de políticos em fazer ingressar o país na marcha do progresso empreendida em outros países europeus. Em 1863, extinguem-se os vínculos de propriedade. Em 1864, alcança-se a marca de mais de 2000 km de fios telegráficos instalados, além de se realizar o primeiro recenseamento populacional com base

em métodos científicos. Em 1866, inauguram-se as ligações ferroviárias com a Europa além-Pireneus. Vale observar que a década de 1860 insere-se no período que Eric J. Hobsbawm denomina a ‘Era do Capital’, quando “uma nova palavra entrou no vocabulário econômico e político do mundo: ‘capitalismo’”, (HOBSBAWMN, 1996, p. 19) mundo que então “se tornou capitalista e uma minoria significativa de países ‘desenvolvidos’ transformou-se em economias industriais”. (HOBSBAWMN, 1996, p. 54) Sabemos que Portugal não se enquadra nessa ‘minoria desenvolvida’. As mudanças acima elencadas não eliminaram, nem aparentavam pretender eliminar de todo o atraso econômico português.

Como se pôde apreender no passo anterior, o protagonista de *A Queda dum Anjo* marca duas temporalidades coexistentes: o velho e o novo, ou o tradicional e o moderno. De um lado, temos o espaço provinciano (Miranda) e sua estrutura sócio-econômico-cultural típica do *Ancien Régime*; de outro lado, o espaço citadino (Lisboa) como epicentro de transformações políticas, sociais, culturais promovidas pelo liberalismo e pelo romantismo em Portugal. Calisto Elói, enquanto metaforizado na imagem de um anjo, representa uma nação em seus contornos arcaicos. Quando esse anjo cai, passa a representar a face nacional modernizada. Com efeito, segundo disse certo crítico, “Calisto, evoluindo e adaptando-se enfim, permite a Camilo pôr em cena a transição do Portugal antigo para o Portugal moderno”, e sendo assim “*A Queda dum Anjo* é a história dessa transição”. (SANTOS, 1992, p. 57) Transição – deve-se frisar – não concluída, ou seja, a nação simbolizada pela personagem camiliano não deixa de conter os conflitantes elementos de um país europeu atrasado em relação a outras partes do continente (Inglaterra e França). O convívio do velho e do novo no Portugal visto por Camilo Castelo Branco significa que as reformas liberais e românticas não teriam conseguido eliminar de todo uma estrutura arcaica. O disseminado e agudo sentimento de decadência entre notáveis escritores portugueses oitocentistas, como Almeida Garrett, Alexandre Herculano, os integrantes da Geração de 70, parece consistir no signo maior desse problemático contexto histórico que se reflete em *A Queda dum Anjo*.

De fato, a questão da decadência de Portugal impunha-se de maneira grave a esses escritores, uma vez que no século XIX a ideologia da nação disseminava-se rápida e poderosamente pela Europa (e pelo mundo) como forma de cada indivíduo conhecer-se a si mesmo, identificando-se com uma coletividade. Ademais, a nação moderna pautava-se num dos conceitos-chave da modernidade – o progresso. Esse paradigma e os modelos de países de além-Pireneus faziam ver o atraso de Portugal, onde o capitalismo e o liberalismo ainda teimavam em não lograr efetivo êxito. A perspectiva histórica – também consolidada ao longo do século XIX – ensejava o cotejo entre o antigo esplendor do reino português e o lugar periférico de Portugal numa Europa que se modernizava a passos apressados. Assim, Portugal mostrava-se uma nação decadente, na medida em que se comparava seu presente com seu passado, além de comparar-se seu presente com o de outras nações.

3. O arquétipo fáustico: expressão do Portugal camiliano

Johann Wolfgang Goethe nasceu em 1749 e morreu em 1832, tendo vivido, portanto, cerca de 83 anos. Sua longevidade permitiu-lhe – e particularmente ele o fez com profundo interesse – testemunhar o período do iluminismo, o desenrolar da Revolução Francesa e a consolidação da sociedade burguesa na Europa, junto a um vertiginoso progresso industrial. O poeta alemão vivenciou privilegiadamente estes dois momentos básicos: o do *Ancien Régime*

e o do capitalismo. Como a escrita de sua obra-prima, *Fausto*, demandou-lhe quase a vida inteira, essa obra pôde enriquecer-se com o longo testemunho de transformações – nada menos que o advento da modernidade.

Antes de conduzir a análise comparativa entre Calisto Elói e Fausto, cumpre esclarecer que o arquétipo fáustico ao qual me refiro nesta comunicação se baseia fundamentalmente na figura goethiana. Sabemos da existência de várias obras onde o lendário personagem está presente; estas não me interessarão aqui. Também informo que o ponto de partida para a leitura do protagonista de *A Queda dum Anjo* como manifestação do arquétipo fáustico encontra-se num texto de Marshall Berman sobre o livro do poeta alemão.

Berman destaca em Fausto o embate entre o velho e o novo que vemos Calisto Elói também representar. “O *Fausto* de Goethe: a tragédia do desenvolvimento”, primeiro capítulo de *Tudo que é sólido desmancha no ar*, do autor norte-americano, principia com esta frase: “Desde que se começou a pensar em uma cultura moderna, a figura de Fausto tem sido um de seus heróis culturais.” (BERMAN, 2005, p. 43) O personagem, especificamente na obra goethiana, encarnaria os anseios transformadores, manifestados nas Revoluções Francesa e Industrial, sobre uma sociedade de estruturas feudais. Nesse aspecto, Fausto terá “uma ressonância especial em países social, econômica e politicamente ‘subdesenvolvidos’”. (BERMAN, 2005, p. 49) Berman lê o percurso fáustico, segundo o colocou o poeta alemão, como uma tragédia do desenvolvimento, onde um provinciano mundo de ingenuidade e pureza dá lugar a um mundo de bem mais amplos horizontes morais, em contínuas transformações, em acelerado progresso.

Portugal situa-se, no período em que se publica *A Queda dum Anjo*, entre os países de precário desenvolvimento social, econômico e político, referido por Berman. E o arquétipo fáustico, conforme atesta o romance de Camilo Castelo Branco, manifestou-se, de fato, no imaginário português. Se Mefistófeles conduz Fausto às transformações de trágicas consequências – uma vez que estas implicam a destruição da ingenuidade e pureza –, também o narrador camiliano utiliza a imagem demoníaca para simbolizar o percurso do morgado da Agra de Freimas rumo a destino similar. Basta reparar no título do terceiro capítulo, “O demónio parlamentar descobre o anjo”; do décimo quarto, “Tentação! Amor! Poesia!”; do vigésimo nono, “O demónio em Caçarelhos”; do trigésimo primeiro, “Vence o Demónio! Choram os anjos”; do trigésimo quinto, “A felicidade infernal do crime”. Destaco ainda outro ponto de contato relevante. Nas palavras de Berman,

Como muitos homens e mulheres de meia-idade que vivem uma espécie de renascimento, Fausto sente seus novos poderes como poderes sexuais; a vida erótica é a esfera na qual ele aprende inicialmente a viver e agir. Após algum tempo na companhia de Mefisto, Fausto se torna radiante e excitado. Algumas das mudanças decorrem de elementos artificiais: roupas chiques e charmosas (ele nunca havia ligado para a própria aparência; até então, todo o seu rendimento era convertido em livros e instrumentos) e poções mágicas da Cozinha da Feiticeira, que fazem Fausto parecer e sentir-se trinta anos mais jovem. (BERMAN, 2005, p. 59)

Semelhantemente, Calisto Elói – homem de meia idade – viverá suas mudanças a partir do afloramento tardio de sua sexualidade. Aliás, sua primeira paixão (pela personagem Adelaide) motivá-lo-á a vestir roupas mais modernas e sedutoras, a tornar-se mais esbelto e

rejuvenescido. Em seguida, a bela viúva Ifigénia – quem parece corresponder aos sentimentos do deputado mirandense – leva-o a perder-se definitivamente: o adultério é consumado e Calisto, já modificados seus hábitos e trajés, adere ao ideário do partido liberalista português. A propósito, no vigésimo quinto capítulo do romance, ao citar uma cena de *Vilhalpandos*, de Sá de Miranda, em que um personagem declara seu amor a Fausta, Calisto Elói ouve de Ifigénia: “*Fausta!*... é um nome lindo [...]”. (CASTELO BRANCO, 1986, p. 958) Não seria expressivo que justamente uma mulher que contribui para a queda do protagonista camiliano aprecie a versão feminina do nome de Fausto – possível alusão à comunhão entre o lendário personagem e Mefistófeles? Acresce que o próprio Calisto, pelo novo corte de barba, adquire inclusive feição mefistofélica. No trigésimo capítulo (“Como ela o amava!”), sua esposa Teodora comenta seu novo visual: “– Como tu estás mudado! Não me pareces o meu homem!... Corta essas barbas; por alma de tua mãe, corta-me essas barbas, que pareces o Diabo, Deus me perdoe!...” (CASTELO BRANCO, 1986, p. 979)

A modernização de Calisto Elói concretiza o vaticínio metafórico do título do romance: o anjo – imagem de espiritualidade e ascese – cai, isto é, materializa-se, ficando, conforme conclui o narrador, “simplesmente o homem, homem como quase todos os outros, e com mais algumas vantagens que o comum dos homens”. (CASTELO BRANCO, 1986, p. 1005) O adultério, em nome do qual o personagem converte-se num político de ideário progressista, afeito ao luxo e à boa aparência, como na cena bíblica do pecado de Adão e Eva no paraíso, constitui uma queda num mundo onde o tempo corre célere, e a tudo confina dentro do processo de morte e transformação.

O titânico canteiro de obras que Fausto leva a construir para renovar o mundo, no livro de Johann Wolfgang von Goethe, encontra paralelo histórico no Portugal da segunda metade do século XIX: lembremo-nos do conjunto de medidas administrativas denominado Regeneração, empreendida por Rodrigo da Fonseca Magalhães, Francisco de Saldanha Oliveira e Fontes Pereira de Melo. Esses estadistas portugueses promoveram o que Amadeu Carvalho Homem denomina “a experiência do capitalismo possível”, cujas forças concentraram-se em fomentar a criação de infra-estruturas materiais. (Cf. HOMEM, 2001, p. 346-7) Marshall Berman, a propósito, salienta: “Nos assim chamados países subdesenvolvidos, planos sistemáticos para um rápido desenvolvimento significam em geral a sistemática repressão das massas”, como “espremer até a última gota a força de trabalho das massas – ‘os sacrifícios humanos sangram, / Gritos de desespero cortarão a noite ao meio’, como se diz no *Fausto*”. (BERMAN, 2005, p. 86) No que tange ao caso português, Carvalho Homem noticia os sacrifícios sofridos amplamente pelas camadas populacionais mais pobres em decorrência de pesados tributos que financiavam a reforma fontista:

A filosofia de tributação dos governos regeneradores seguiu os trilhos da ortodoxia liberal, uma vez que recorreu à gama dos impostos indiretos, incidentes sobre o consumo, e evitou onerar os rendimentos gerados pelos capitais privados. Ficou para a história o juízo emitido por Fontes Pereira de Melo, quando o confrontaram com as reclamações dos setores sociais mais fragilizados pelo agravamento tributário: “O povo pode e deve pagar mais”. (HOMEM, 2001, p. 347)

Tanto o livro de Goethe quanto a frase do estadista português revelam uma faceta negativa do progresso – palavra que, no século XIX, continha quase que absolutamente um valor positivo. As transformações fomentadas por Fausto e pelo fontismo custam também o sofrimento do povo. Marshall Berman chega a destacar na obra-prima do poeta alemão o

assassinato do casal Filemo e Báucia. Estes dois figurariam como resquício de um mundo antigo ilhado e perturbador em meio a um mundo moderno. Se a morte de Filemo e Báucia simboliza a vitória definitiva da modernidade – vitória em que há um tom de lamento em decorrência dessa morte –, a separação adúltera de Calisto e Teodora simboliza o mesmo, e a vitória da modernidade em *A Queda dum Anjo* não deixa de ter o tom lamentoso. Jacinto do Prado Coelho comenta: “A derrota de Calisto aos pés do modernismo citadino é, para o leitor compreensivo, **uma derrota dolorosa.**” (COELHO, 2001, p. 212.)

O romance de Camilo, semelhantemente ao que parece ocorrer em *Fausto* de Goethe, pontua a duplicidade da marcha progressista, duplicidade também pertencente à modernidade: o antigo torna-se indesejável, mas é ao mesmo tempo saudoso. *A Queda dum Anjo* é uma narrativa satírica e irônica. A leitura dessa obra depara-nos risos destinados tanto a um quanto a outro pólo de cada dicotomia explicitada acima – ou seja – o narrador camiliano ri do velho, mas também do novo Portugal. Trata-se de postura sintomática dos tempos nos quais viveu o romancista. A modernidade, que pressupõe uma marcha progressista, havia instaurado uma noção de que o presente separa-se do passado, pois aquele se faz a partir da superação deste. Essa noção motiva o riso satírico e irônico no romance de Camilo: o narrador satiriza e ironiza o apego de Calisto Elói ao passado. Mas, contraditoriamente, motiva-o também um tom nostálgico, que lamenta o avanço da modernidade e a conseqüente – digamos assim – *perda do passado*. Talvez estranharemos menos a postura ideológica de Camilo Castelo Branco – em si contraditória, mas em coerência com sua época –, se lermos estas palavras de Compagnon:

Todos os artistas modernos, desde os românticos, se viram divididos, por vezes dilacerados. A modernidade adota facilmente uma postura provocante, mas seu interior é desesperado. Não sejamos tentados pela miragem da síntese; mantenhamos as contradições, por natureza insolúveis; evitemos reduzir o equívoco próprio ao novo, como valor fundamental da época moderna. (COMPAGNON, 2003, p. 15)

Conclusão

O diálogo entre *A Queda dum Anjo*, de Camilo Castelo Branco, e *Fausto*, de Johann Wolfgang Goethe, e especificamente o cotejo entre os protagonistas de ambas as obras – propostos por Fidelino de Figueiredo –, como se viu, constituem uma rica fonte de leitura, nesta comunicação nem de longe esgotada. Analisar Calisto Elói como expressão do arquétipo fáustico enseja compreender, por uma perspectiva especial, a visão do romancista português sobre não apenas o contexto conturbado de seu país, mas também sobre as transformações por que passavam o Ocidente e o mundo. Fidelino de Figueiredo, a propósito, ao ter aproximado o personagem camiliano da figura do Fausto, frisou o lugar de *A Queda dum Anjo* como uma das obras-primas da Literatura Portuguesa.

Referências Bibliográficas

1. BERMAN, Marshall. *O Fausto de Goethe: a Tragédia do Desenvolvimento*. In: *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. pp. 41-98.
2. CASTELO BRANCO, Camilo. *A Queda dum Anjo*. In: *Obras Completas*. vol. V. Porto: Lello & Irmão, 1986. pp. 833-1023.
3. COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1960.

4. COMPAGNON, Antoine. *Os Cinco Paradoxos da Modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
5. FERRO, Túlío Ramires. *Tradição e Modernidade em Camilo (A Queda dum Anjo)*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira LDA, 1966.
6. GOETHE, Johann Wolfgang. *Fausto*. tradução: Jenny Klabin Segall. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
7. HOBBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital: 1848-1875*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
8. SANTOS, João Camilo dos. Os malefícios da literatura, do amor e da civilização. In: *Os malefícios da literatura, do amor e da civilização: Ensaio sobre Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Fim de Século Edições, 1992. pp. 49-120.
9. HOMEN, Amadeu Carvalho. Jacobinos, liberais e democratas na edificação do Portugal contemporâneo. In: TENGARRINHA, José (org.) *História de Portugal*. 2ª. ed. São Paulo: EDUSC; UNESP; Instituto Camões, 2001. pp.